

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	13300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	20 "

— ANNO I — 12 DE JUNHO DE 1881 — N.º 17 —	
GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO	
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º	

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	16000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	8000 "
Trimestre ou 13 ".....	2500 "
Avulso.....	200 "

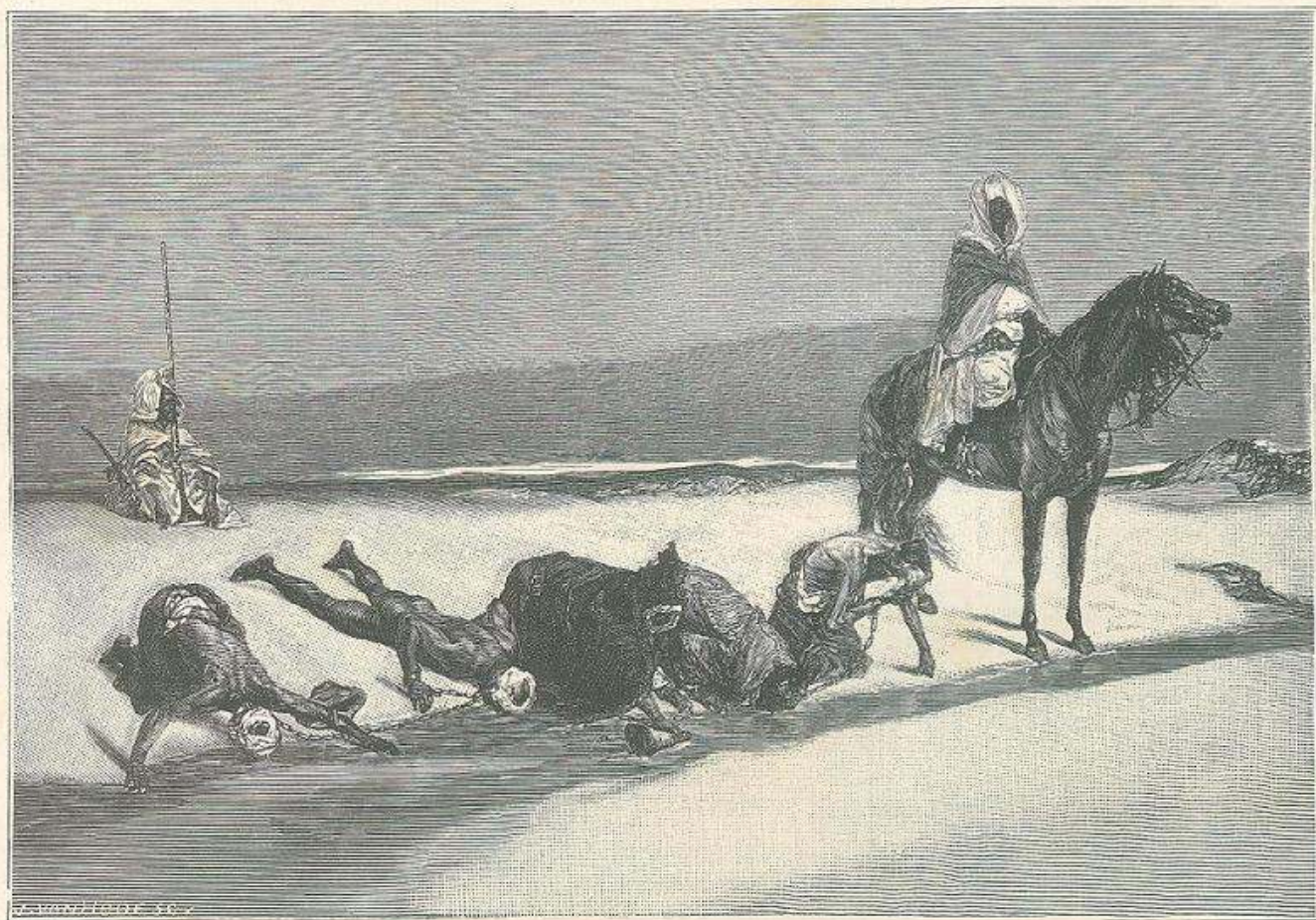
SUMARIO
Gravuras:—Prisioneiros marroquinos; Os duellistas; Sonhos da mocidade; Ruínas do castello de la Roche no Luxemburgo.
Texto:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; Minuete, por José de Sousa Monteiro Dividas do coração, trad. de Passos Valente; Rosicler; Horas de ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Sento-me tarde á mesa para começar a escre-

estrada de Lisboa para o Porto, a noite da sua festa em Lisboa passei-a tambem do Porto para Lisboa. Fallar nos concertos Colonne? Já venho

responder-me-hia de certo, como Socrates respondeu á interrogação angustiosa de Soares de Passos:



PRISIONEIROS MARROQUINOS

ver este artigo semanal. Passam rapidas no mez de junho as horas nocturnas, e o canto do gallo já me annuncia que vem a madrugada proxima. Que hei-de escrever? Referir-me ainda a Calderon e ás suas festas? Occupam-se d'elle brillantemente os escriptores que foram a Madrid, os que ficaram em Lisboa, e eu acho-me em condições tão deploraveis para fallar do poeta, que a noite do seu centenario passei-a eu em wagon na

tarde para isso. Na rebecca admiravel de Sarmasate? Ainda venho cedo, porque não tenho ainda uma impressão pessoal. Na noite de Santo Antonio? na politica? nas artes? Devo sair de Portugal, debruçar-me sobre o tumulto de Litré, e perguntar-lhe porque mysterioso motivo renegou elle á hora da morte todas as crencas e todas as descrencas da sua vida, e foi curvar a fronte diante do hyssope sacerdotal? Litré,

Mas quem sabe da morte? O ouvido attento No silencio das campas nada escuta. E Socrates não diz se um novo alento Achou bebendo a gelida cicuta.

E enquanto revolo na mente estas preoccupações variadas, fogem as ultimas horas da noite, rompe a aurora e o horizonte começa a illuminar-se com o debil fulgor do sol nascente.

Lisboa, recostada nas suas sete collinas, dorme com o Tejo acorrentado aos pés. Ainda nada perturba o repouso da formosa sultana. Mas de subito começam os preludios que formam, por assim dizer, a symphonia da grande opera da rua, ouvem-se os cantores encarregados das estrofas musicas do dia — o aguadeiro e o leiteiro.

Ha um não sei que de providencial na reunião d'estas duas vozes que saudam a aurora lisboense! Esta reunião é o symbolo das grandes luctas da existencia. É a prosa caminhando a par da poesia! É o lyrismo acompanhando a arithmetica! D. Quixote cavalgando ao lado de Sancho Pança! O necessario brutal dando o braço ao phantasioso superfluo: a poesia enfim, a poesia radiante, a virgem corçada de estrellas, a fada luminosa, a deusa de alva tunica ao lado da prosa anã, chata, bestial, de tamancos nos pés e de chapéu alto na cabeça!

O aguadeiro é essencialmente masculino, não me consta que haja aguadeiras. O leiteiro é essencialmente feminino! As leiteiras estão em maioria. O aguadeiro é baixo-profundo; o leiteiro, quando não é leiteira, é tenor. Aquelle tem a concisão de uma verba do orçamento, este o floreado de uma estrophe lyrica. Aquelle diz «Ahi!», tem ares de papão: este diz «Eh! leite!» O *Ahi* parece um bordado de vaqueta no bombo, o *Eh! leite!* parece uma phrase musical de Bellini. O aguadeiro sae lá das regiões desconhecidas da casa da malta, inferno mysterioso, cujas profundezas ninguém explorou, nem tenta explorar. O leiteiro vem do paraíso dos campos, onde o ar é puro, rosado e horisonte, fragrantissima a terra, floridas as planicies. O aguadeiro arrasta consigo o barril pesado, disforme, exquisito; o leiteiro traz a bilha gentil, a bilha lusidia que o sol incende, em cujo limpido espelho mira o rosto doirado. O aguadeiro é só, o leiteiro vem muitas acompanhado da candida vacca, de meigo olhar, de formas gentis, descendente talvez ainda da formosa Io, por quem Jupiter morreria de amores se podesse morrer.

Depois o aguadeiro vende agua que é indispensavel, o leiteiro vende leite que faz parte d'esse encantador superfluo, cujos horisontes alarga a civilização a cada passo, e que forma o verdadeiro encanto da existencia.

O necessario é o feijão brutal, o superfluo é o pecego perfumado, o necessario é a couve, e o superfluo é a rosa nacarada; o necessario é a camisa e a pinga, o superfluo é a seda de ondeantes reflexos, o diamante de esplendidos raios, a botina airosa, o elegante chapéu. O necessario é ir á repartição, é ver a má cara do chefe, é copiar um officio sem grammatica; o superfluo é apertar a mão tremente e gentil de uma donzelinha encantadora, é colher a furto um beijo n'uns roseos labios, é cingir um corpo airoso e flexivel como a haste de um lyrio... sim! tudo isto é superfluo, meu Deus!

Logo o aguadeiro representa a prosa, o leiteiro a poesia; com as primeiras luzes da aurora começa a lucta; está ainda a arena despejada, ouve-se apenas a voz dos dois campeões. A victoria primeiro pertence aos leiteiros; acolhem-n'os todos com boa sombra, todos lhes sorriem; a menina da casa, levemente enferma do peito, vem em pessoa buscar o copo de leite restaurador. Não se ouve por toda a parte senão o seu floreado cantico, interrompido pelo terno mugido das vaccas. Não se vêem senão leiteiras mais ou menos gentis,

mais ou menos graciosas a quem o sol beija com jubilo, mas logo depois vem a prosa de tamancos, o aguadeiro isolado que olha de revez para o seu rival feliz, o aguadeiro, com quem ninguém se importa, a não ser algum hydropatha ferrenho, que quer inaugurar a serie dos seus copos de agua diurnos.

Não triumpham tambem a poesia na manhã da vida? Não enxameiam na aurora da existencia os alvos sonhos da phantasia? E, a não ser algum hydropatha abstruso, não levamos todos aos labios a taça doirada onde espuma o leite do ideal? Quem pensa no semsabor copo de agua da realidade, quem presta attenção á voz monotona da prosa, quem se não enleva no cantico poetico, no matinal murmúrio, no harmonioso lyrismo? Depois fogem os leiteiros... e as illusões. Dissipa-se a rosada luz da aurora, e o aguadeiro campeia triumphante. Começa a ser acarinado. «Quer dez réis, quer quinze réis, quer um vintem?» Ó prosa!

Depois a prosa campeia desassombrada, e persegue-nos o dia todo, sem que se lhe depare rival. Apenas, quando esmorece a luz do sol no occaso, quando o crepusculo da tarde lembra vagamente o crepusculo da manhã, apparece um ou outro leiteiro; mas o seu «Eh! leite!» é menos floreado, e tem um certo colorido melancolico, porque os leiteiros da manhã eram as esperanças e os amores, os leiteiros da noite são as saudades.

Mas agora reparo que foi fresca realmente esta actualidade! Que querem? Os meus leiteiros saíram do concerto Colonne, acabam de ouvir Sarazate, a sua actualidade é Berlioz, e Gounod, é a rebecca magica do novo Paganini, e eu acabo de passar a noite em companhia de uns alfarrabios abstrusos, e de uns positivistas modernos não menos abstrusos tambem, abro a porta do jardim, banho a cabeça ardente na frescura da madrugada, oiço na rua o canto matinal dos leiteiros. A minha actualidade é esta. Quero tambem ter uma.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

PRISTONEIROS MARROQUINOS. — Os acontecimentos de Tunis dão uma certa actualidade a esta gravura, e as recordações historicas do nosso paiz fazem com que encaremos com interesse a triste scena que a estampa representa. Aqui, a dois passos da Europa civilizada, ainda se ostenta a barbaria, e a luz do progresso não conseguiu transpor essa pequena extensão de mar que separa Marrocos da peninsula hispanica. Ali as guerras são ainda selvagens, os prisioneiros ou são degolados immediatamente, ou, reservados para a escravidão, seguem, carregados de grilhões, para o sitio onde tem de servir. Assim como esses pobres semi-selvagens que se lançam soffregamente a um ribeiro, cujo magro fio d'agua sulca tristemente as areias do deserto, assim passaram no terrível mez de agosto de 1878 pelos desertos marroquinos, dezenas de fidalgos portugueses, a flor da nossa nobreza, que iam expiar nos carcereiros de Fez e de Marrocos as desgraças de Alcacer-Kibir e as imprudencias de D. Sebastião. Tambem elles, os filhos dos duques, dos marquezes, os pagens mimos dos paços da Ribeira, os elegantes e gentis donzeis de Lisboa, os

velhos fidalgos costumados ao luxo e aos esplendores do Oriente, se viram obrigados, ao sair de Alcacer-Kibir, com a garganta requemada pelos ardores do sol de um agosto africano, a beber, como uns cães despresiveis, a agua turva do Lukkos, enquanto alguns dos Bereberes vencedores fazia parar o seu veloz cavallo, e enquanto o outro vigiava o horisonte com a sua longa carabina entre os joelhos, receioso sempre de que algum fronteiro de Tanger ou de Azamor viesse de subito, em arrancada com os seus bravos, tirar-lhes das mãos os miseros prisioneiros.

OS DUELLISTAS. — No tempo de Luiz XIII, em França, a mania dos duellos tomara um tal desenvolvimento que foi indispensavel pôr serio cobro n'essa moda perigosissima. As guerras do tempo de Henrique IV, a frouxidão do governo da regente Maria de Medicis, tinham dado largas ao genio bellicoso dos fidalgos francezes, que, não o podendo empregar nas guerras da fronteira, desahafavam nas ruas de Paris em combates singulares.

Piarras era que deveriamos dizer, porque n'esse tempo não era tão commodo como hoje o papel dos padrinhos. Quando um duellista convidava um amigo para padrinho, já este sabia que teria de desembainhar a espada contra o padrinho do adversario. Era uma questão de bom tom e de elegancia. Richelieu, o cardeal energico, entendeu que se perdiam assim vidas que podiam ser uteis e proveitosas, e que se desperdiçava sangue que se poderia derramar com gloria da patria nos campos de batalha. Proibiu portanto os duellos, e prohibiu-os com pena de morte para todos os sobreviventes. Ao principio o duello teve o atractivo do fructo defezo, mais ainda para muitos fidalgos que odeavam o cardeal, teve o sabor delicioso de uma manifestação opposicionista, mas o cardeal não recuou diante da resistencia que os seus editos encontravam, e a sua severidade recrudesceu á proporção que recrudesceu a resistencia. Afinal as velleidades da moda tiveram que ceder diante da energia do grande ministro, e a moda dos duellos, se não se extinguiu de todo, pelo menos diminuiu consideravelmente.

Os costumes d'essa epoca ainda tão bellicosos e agitados, que succedeu ao grande tumulto da Renascença, estão admiravelmente descriptos por Dumas nos *Tres mosqueteiros*, por Alfredo de Vigny no *Cinq-Mars*, e por Victor Hugo na *Marion Delorme*. O pintor Neuville inspirou-se de certo nos capitulos de Dumas quando concebeu o quadro pittoresco, que a nossa gravura representa.

SONHOS DA MOCIDADE. — É simplesmente allegorica a scena que esta gravura representa, e, se a execução é admiravel, a idéa, para fallarmos francamente, não nos parece excessivamente engenhosa. Personalisar n'um genio, embora formosissimo, a tocar flauta, todos os sonhos radiantes, que podem fluctuar na imaginação d'uma rapariga de quinze annos, sósinha no meio do campo, quer dizer, saltando a redea a todos os caprichos da sua phantasia, parece-nos realmente estravagante. Não é perfeitamente debaixo da forma de um sujeito, mesmo com azas, a tocar flauta que a vida nos apparece na visão gloriosa dos quinze annos. Só se a rapariga que alli está anda apaixonada por algum flautista da philharmonica da sua terra, e se a sua imaginação se limitou a pôr azas nos hombros do philharmonico seu predilecto,

sonho em que talvez esteja de accordo com os devaneios do papá, que a essas horas pensa em lhe pôr também umas azas... de pau!

Pondo de parte essa idéa um pouco singular, devemos dizer que a execução é arrebatadora. A physionomia do genio é de uma doçura ineffável, e realmente não se pôde tocar flauta com mais unção. Ha também no olhar da rapariga que sonha uma aniedade vaga, uma curiosidade um pouco tímida, perfeitamente expressas.

RUINAS DO CASTELLO DE LA ROCHE NO LUXEMBURGO. — É um dos sitios mais pittorescos das Ardenas o sitio onde se elevava o castello hoje arruinado, que a nossa gravura representa, e cujas devastadas muralhas, de tão romantico aspecto, devem tomar um character phantastico e magestoso quando em torno d'ellas rugir o temporal, quando os relampagos as illuminarem com os seus lividos clarões, quando o vendaval entoar nas suas setteiras escalavradas o hymno das tristezas. A vista das ruínas que a nossa gravura representa foi tomada n'um dia tempestuoso, exactamente quando mais bello effeito deviam produzir.

Pouco se sabe da historia d'esse castello. Liga-se a elle contudo uma lenda vulgar na idade media, e que se encontra repetida na historia de quasi todos os paizes. O conde Henrique de la Roche, não querendo reconhecer a jurisdicção de varios outros condes e barões seus visinhos, sustentou contra elles um cerco de sete mezes. Já lhe faltavam as munições e esperava a todo instante que a fome o obrigasse a capitular, quando se lembrou de faltar um porco, o unico que lhe restava, com quanta comida pôde arranjar ainda, e de o mandar soltar, enxotando-o para o campo inimigo. Os cercadores, vendo assim as soltas um porco tão gordo e anafado, entenderam que havia munições de sobejo na praça, e levantaram o cerco.

Vêem os nossos leitores já a correlação que ha entre esta lenda do castello de La Roche e a lenda do castello de Celorico. Também aqui o alcaide, Fernão Rodrigues Pacheco, cercado por D. Afonso III, mandou ao rei uma truta que uma aguia lhe deixou cair dentro da praça, para que elle imaginasse que na praça até manjares de luxo havia.

A historia da truta, a historia do porco e muitas outras semelhantes, são formulas diversas de uma mesma lenda, que a respeito de defezas de praças circulava na idade media. É possível que de algum facto verdadeiro se originasse esta tradição.

La Roche, povoação que pertence ao grão-ducado de Luxemburgo, fica situado a beira do rio Ourthe.

O MINUETE

Eu sempre tive pelos minuetes a mais sentida, a mais devota, a mais pasmada veneração. Vi n'elles sempre um attestado de vida e costumes, em regra, formal, passado a favor da nossa feminina avoenga que Deus tenha, a fiança mais segura, o mais auctorizado abono da castidade de suas cogitações, da arminhada pureza de seus affectos.

Na corte de Luiz XIV, do verdadeiro sol da realza com todos os seus esplendores e todas as suas maculas, impertigada, roçagante, arrebecada

levemente dissoluta, houve pelo menos uma cousa pura, innocente, lembrando a egloga pastoril, impregnada do cheiro ingenuo do trevo ou do feno recém-colhido, o minuet. O minuet, — um protesto eloquente, desde que Mozarts, Haydn e Boccherinis acceitaram a missão de o transmitir á posteridade, do povo rude e bom dos campos, do povo dos trigaeos extensos, dos vastos pascigos, das escuras selvas do Poitou, contra as douradas e as não douradas mundanidades d'uma corte peccadora.

Que de choses dans un menuet! Essa frase ambiciosa de Marcel, o Lycurgo immortal do minuet, tem provocado muita vez o riso. O mais injusto e desatinado dos risos. Marcel, mestre divino, que depois d'uma vida inteira nobremente consagrada á evangelisação do *demi-coupé*, e do *pas-marché sur la pointe* a escudo por lição, dormes a final o somno extenso da morte na escuridade fria d'um tumulo injustamente esquecido, tens razão. *Que de choses dans un menuet!*

O minuet é a singeleza reflectida, a elegancia calculada, o garbo compassado nos requebros, a nobreza meditada nas reverencias, a compostura medida no gesto, a reserva prevista no donaire, a graça que sorri apenas, a alegria que sabe reprimir-se. É indispensavel, exclamava um dia o grande legislador a uma discipula rebelde, é indispensavel, duqueza, que todos os seus titulos de fidalguia a acompanhem na reverencia do minuet. Mas ainda é mais do que isso tudo: é a candura antiga da alma, a primitiva innocencia do coração, a pureza transparente das intenções, o perenne azul dos pensamentos, uma barreira invencivel ao mais leve deslize da pragmatica e do bem.

Eu só tenho noticia d'uma seducção testada ao som do minuet: a de Zerlina pelo obstinado, pelo impio, pelo inevitavel D. Juan. Lembra-se? Mas um grito, em que se traduz a sublime agonia do pudor offendido, interrompe subitaneo o rythmo, a alegria, o crime. Eu creio sinceramente que nunca Mozart no ultimo acto do seu sublime spartito faria descer o sr. Reduzzi, o qual tão dignamente se desempenhou sempre das difficéis funções de convidado de pedra, da sua immobibilidade tumular e do seu bravo frisão de papelão caído, se não tivesse de vingar mais do que a morte do commendador de Calatrava, o desacato perpetrado no final do acto antecedente pela torpeza de D. Juan contra o seu minuet divino.

O minuet é inseparavel do guarda-pé, do donaire, do fradelim, do guarda-patas, de todas as demasias com que a moda abaluartou as nossas formosas bisavós, habilitando-as a subtrahirem-se nas assembléas e funções ás seducções irresistiveis da fivella malteza e do colossal chapéu de pello dos franças e peralvilhos. Ora um fradelim devia equivaler pelo menos a dez exercicios quaresmaes. O effeito d'um guarda-patas para a manutenção da virtude não tem por agora correspondente conhecido. Um assombro.

É musica para ser escripta por Haydn, Beethoven, Mozarts e Boccherinis. O grave, o summo, o sublime Beethoven chegou a ser até divinamente humoristico no minuet. Fazer sorrir os labios do mestre, austeros e tristes, o seu genio profundo e terrivelmente agitado como um oceano tempestuoso... Que gloria! D. João de Austria, vice-rei dos Paizes Baixos, correu á posta para vir ver em Paris Margarida de Borgonha requebrar-se ao minuet. Luiz XIV morria-se por

dançar um minuet, que ficou celebre, de Lulli. Musica de Reis e para Reis.

O meu amor ao minuet conserva-se pois tenaz, seguro, infectivel. A minha fé porém nas suas virtudes, confesso-o, vacillou ha poucos dias. Julguei sentir no delicioso minuet de Boccherini, a que o sr. E. Colonne teve a intelligente condescendencia de apresentar-nos, um sainete demasiadamente mundano, um resaibo de peccado, uns longes de gaiatice... Por exemplo: aquelle admiravel diminuendo na sonoridade e no andamento pareceu-me menos talhado — singelamente o digo — para o *plongeon* despido de ruim tenção, perfeitamente honesto, moldado á risca sobre as mais estricatas regras do preceituario corteza do que para ministrar ensejo a um ditinho galante de encetar em ouvido feminino a sua obra de destruição... Quem sabe? Boccherini nasceu sob o amoroso céu da Italia e veio a Madrid amadurecer o seu talento ao sol do céu e também aos saes da terra peninsular...

Todavia, sejamos justos. Eu tenho um amigo ao qual devora ainda mais do que a mim o platonico amor do minuet. Nunca elle conseguiu, ingenuamente m'o narrou ha pouco, ouvir a adoravel composição do maestro lucense sem vir para casa sonhar toda a noute com vastos salões dourados e luminosos, anquinhos perigosamente arqueadas, guarda-pés de franzidos soltos ou cortados em onda, rostos divinos, divinamente mosqueados, olhares fulgindo suaves e provocantes sob as vastas cabelleiras polvilhadas de ouro... E todavia por mais sinceras diligencias que fizesse o meu espirituoso amigo, em sonhos, ao beijar na cortezia,

pé atraz segundo a moda

com o tricorneo agalado o tapete onde nymphas escutavam em sua tecida immobildade um citharedo gaiato e meio nú, lograva apenas segredar a todas essas anquinhos, guarda-patas e provocantes fradelims esta frase invariavel e terrivelmente caracteristica: Nise formosa ou inhumana Marcia, creado e fiel captivo de tamanha bisarria! E despertava sempre envergonhado e prometendo sempre e inutilmente emenda.

Para mim, é de fé, só hade a sociedade moderna salvar-se dos perigos que de toda a parte a ameaçam quando o honesto minuet expulsa dos nossos usos as valsas, as terriveis valsas da escola de Vienna, dos grandes prevertidos que se chamam Strauss, Lanner, Gungl, Labitzky, e as demais abominações choreographicas dos nossos dias.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

D. SABINO DE GOICOEHEA

DIVIDAS DO CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE

J. M. PASSOS VALENTE

(Continuado de pag. 126)

— Apenas sahi d'esta sala, disse elle, commovido com a dor da pobre mulher, formei o proposito de lhe salvar o filho. Apparelhei o seu cavallo, e parti a galope para Cábraga. Apresentei-me ao general e fiz-lhe o meu pedido. Vendo que o general vacillava em acceder a elle, accrescentei:

— Meu general, proponho-lhe uma troca: restituo a v. ex.^a a dragona que hoje me deu no

campo da batalha e conceda-me a vida d'esse pobre rapaz.

Então o general levantou-se, estendeu-me a mão e disse-me:

— Outra dragona merecia o senhor pela sua bonita acção.

— «Ora essa! replicou surprehendido; pois vem pedir-me a vida de um homem, que nem de nome conhece!...»

— «Conheço a mãe d'elle, meu general.»

E contei-lhe a scena que tinha acabado de presenciar n'esta sala.

deram, em troca do que lhe mataram esta manhã, é um magnifico e robusto animal; nem uma só vez tropeçou no caminho, verdade seja que me parece que nunca tocou com os pés no chão, por que não correu, voou. Agora que já sabe tudo, diga-me onde está a pobre mulher.



OS DUELLISTAS

E pegando n'uma folha de papel começou a escrever o perdão.

— «Como se chama o prisioneiro?» perguntou-me elle.

— «Não sei, meu general,» lhe respondi.

Apenas acabei de fallar, entregou-me esse papel, dizendo-me que preenchesse o espaço que deixava em branco com o nome do prisioneiro, e quasi sem lhe agradecer dei-tei a correr, podendo assegurar-lhe, meu pae, que o cavallo que lhe

O coronel antes de lhe responder, aproximou-se do filho e commovido beijou-o na testa repetidas vezes.

Este voltou a cabeça para que o pae não notasse o effeito que n'elle havia produzido aquella

muda, porém altamente significativa recompensa concedida á sua nobre acção.

— A infeliz deve estar ainda ali dentro, disse o coronel.

— Vou dizer-lhe...

E Alberto dirigiu-se para a porta.

mais cedo se sabem, melhor para quem as recebe.

O coronel chamou a ordenança e informou-se do estado de Maria. N'aquelle momento estava ella insistindo em querer ver o filho.

Deu ordem para que a conduzissem á sua presença.

Maria apresentou-se amparada por dois solda-

que este fallava, e quando Baeza lhe assegurou que a execução não teria logar por fôrma alguma no dia seguinte, cahiu de joelhos, levantando as mãos e os olhos ao céu em acção de graças *Aquelle* que lhe concedia um tão grande favor.

— Como se chama seu filho? perguntou-lhe



SONHOS DA MOCIDADE

— Espera; é necessario dispôr-a. Se lhe dão a noticia de repente, pôde a alegria fazer-lhe o effeito de um raio.

— Pois faça-lh'a saber como melhor entender; ainda que, na minha opinião, as boas noticias quanto

dos, pois apenas podia ter-se em pé.

O coronel convidou-a a sentar-se, e assim que ficaram sós começou a animar-a e a dar-lhe algumas esperanças.

Maria ouviu o coronel animando-se á medida

Alberto, que estava aneioso por lhe dizer que o filho estava perdoado.

Maria voltou a cabeça ao ouvir a voz do joven; e fixou o seu olhar meigo e amoroso na expressiva e candida physionomia do mancebo.

Reparava n'elle agora pela primeira vez; involuntariamente cingiu-lhe o pescoço com os braços, e afastando o rosto do de Alberto para o poder ver de frente a luz da vela que allumiava a sala, exclamou:

— Oh!... É assim o meu Luiz; é assim!... e deu-lhe um carinhoso beijo.

E como se com este esforço se tivessem esgotado todas as suas forças, tornou a deixar cabir languidamente os braços.

— Chama-se então Luiz?... disse o coronel em quanto Alberto tratava de disfarçar a impressão que n'elle havia produzido o beijo de Maria.

— Luiz... repetia a mãe, como um echo.

— Luiz de?... perguntou este.

Maria ficou um instante reflectindo no que deveria responder, e por fim, como se recobrasse a memoria perdida, disse:

— Luiz... é isso, Luiz de Urbietta.

«Luiz de Urbietta», escreveu o coronel, enchendo o espaço deixado em branco pelo general.

— Agora bem; quer vel-o?

— A quem? A meu filho!... Se quero vê-lo? Valha-me Deus!... Com a alma e a vida!... Mas... não me engana?... é verdade o que me diz?

E Maria poz-se em pé, em signal de que estava prompta a partir.

— Não precisa sahir; faremos com que elle aqui venha.

O coronel entregou o bilhete ao filho, e este sahiu em busca do prisioneiro; não sem que antes Maria lhe estendesse ambas as mãos, que Alberto se apressou a apertar affectuosamente.

Como poderei descrever, ainda que pallidamente, as duvidas, a incerteza, o temor, a alegria, o sobresalto, as mil diferentes sensações enfim, que a pobre mãe experimentou emquanto esperava o filho que tanto estremecia?

Silenciosa, muda, com uma das mãos collocada sobre o coração, como se quizesse impôr silencio ás palpações que se succediam cada vez mais rapidas e fortes, a sua attenção, o seu olhar, o seu pensamento, a sua alma enfim, estava fixa, cravada ali, n'aquella porta por onde deveria entrar a sua vida, reconcentrada toda no filho das suas entranhas.

Não prestava attenção ao coronel, que procurava acalmar a sua impaciencia, indicando-lhe pouco a pouco a probabilidade de obter o perdão de Luiz; era tal a sua excitação, que por mais de uma vez se levantou machinalmente da cadeira, parecendo-lhe já muito o tempo decorrido depois da sahida de Alberto.

De repente, sentiram-se passos apressados, moveu-se a aldaba da porta, e no momento em que, abrindo-se esta, appareceu em primeiro lugar o joven carlista, quiz Maria correr ao seu encontro; faltaram-lhe porém as forças, e se Luiz se não apressa a receber a nos braços, teria cahido redondamente no chão.

(Continua.)

ROSICLER

AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que, em me eu cançando da terra,
Batia-as, voava ao céu.
Eram brancas, brancas, brancas

Como as do anjo que m'as deu,
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao céu.

Veiu a cubica da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
---Veiu a ambição c'o as grandezas,
Vinham para m'as cortar;
Davam-me poder e gloria,
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cançando da terra,
Batia-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lua,
Que eu contemplava as estrellas,
E, já suspenso da terra,
la voar para ellas,
Deixei descair os olhos
Do céu alto e das estrellas...
Vi entre a nevoa da terra
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao céu.

Cegou-me essa luz funesta
De enfeitados amores,
Fatal amor, negra hora,
Foi aquella hora de dores!
Tudo perdi n'essa hora
Que provei, nos seus amores,
O doce fel do deleite,
O aere prazer das dores.

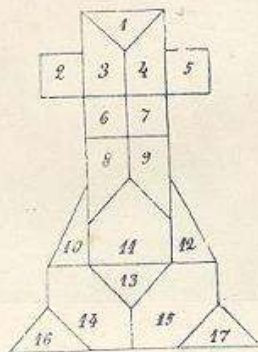
E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me caíram,
Nunca mais voei ao céu.

ALMEIDA GARRETT.

HORAS DE OCIO

PROBLEMA GEOMETRICO

Fazer um quadrado perfeito empregando todos os pedaços (17) da seguinte figura:



PALAVRAS QUADRADAS

Na primeira ou se gosa, ou se pena,
A segunda dá gosto e pezar,
A terceira ou faz rir, ou boceja,
E a quarta ou um lago ou um mar.

*

LOGOGRIPO

Com uma cabeça
Cavallo pimpão;
Com outra é bem certo
Que don trambolhão;
Com outra sou ave
De rico sertão;
Fui pai, já com outra,
De um adivinhão;
Com outra, floreira
Vigoso e loução;
Com outra, vermelho,
Regalo um glutão;
Com outra fulmino
Ou prostro no chão;
Com outra me safo...
Percebem ou não?

*

PERGUNTA HISTORICA

Tratando n'este momento de estudos relativos ás campanhas da liberdade, preoccupou-nos o destino do famoso coronel inglez Hodges, que, depois de prestar tão relevantes serviços á causa liberal no cerco do Porto, desaparece da scena historica, sem que saibamos qual foi o destino que teve. Poderá algum dos nossos leitores informar-nos a esse respeito?

*

Temos segunda resposta á pergunta de Eurico. Esta vem-nos da provincia, e é escripta, segundo a assignatura diz, por Hermengarda, e datada, como de rigor, da caverna do Sallia. A explicação é em tudo conforme á que já dera o nosso amigo o sr. A. d'O. Mas a chegada da resposta da amada de Eurico serviu-nos de lição. Effectivamente, publicando no numero immediato áquelle em que saem as perguntas as respostas que apparecerem, não damos tempo aos nossos leitores da provincia de nos enviarem tambem as suas observações. D'aqui por deante portanto só publicaremos as respostas quinze dias depois de publicadas as perguntas. Por isso não daremos n'este numero, e só apparecerão no proximo domingo as soluções dos enigmas e problemas, que publicamos no nosso numero passado, systema que seguiremos d'aqui por diante.

Eis a resposta de Hermengarda á pergunta de Eurico:

Sr. redactor. — Na *Corja* do sr. Camillo Castello Branco, sob o titulo *Pena de Talião*, encontra-se a resposta á pergunta que o presbytero de Carteira Jenderega aos leitores do *Jornal do Domingo*, que v. ex.^a tão brillantemente redige.

Segundo o que se lê n'aquelle livro, que o seu illustre auctor colheu em fontes auctorissimas que enumera, foi uma questão d'odios nascidos de orgulhos e vaidades melindradas a origem da morte do general D. João de Sousa, 3.^o marquez de Minas.

No dia 17 de setembro de 1722 sahia o marquez da congregação do Oratorio, quando entrava o seu parente D. João de la Cueva e Mendosa, capitão de infantaria e commendador do Pinheiro.

Ao perpassar pelo general disse-lhe: «Deus guarde vossa excellencia», ao que este respondeu: «Guarde Deus a vossemecê.» La Cueva melindrado disse o que quer que fosse ao seu interlocutor, dando-lhe o tratamento de *senhoria*, e

o general irado e ameaçador ergueu o bastão, de que ia munido, para o capitão, que arrancando da espada, l'h'a atravessou do peito ás costas.

Aqui tem o Eúrico muito resumidamente a historia do assassinato do 3.º marquez de Minas, mas se a desejar ler mais circumstanciada, então veja o livro citado; e como em vez de gemedor e triste se nos apresenta alegre e disposto a gastar as suas tardes e serões, escrevendo para as *Horas d'ocio*, que salte para a arena e deslinde, não commigo, mas com o exímio litterato sr. Camillo, em que anno teve effectivamente logar o caso de que se trata, se em 1721 ou em 1722.

Caverna do Sallia.

HERMENGARDA.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 128)

O chefe de policia ouviu o sibilar não do chumbo miúdo de caça, mas de uma bala, que lhe levou parte do capacete; não duvidou mais das intenções do forçado evadido, porque, em sua opinião, Yegor não era outra cousa. Passou-lhe pela idéa responder, porque também tinha com que. Era empenhar-se n'um duello. Mas o rigoroso funcionario repeliu immediatamente essa idéa como uma grande fraqueza, um effeito de medo. Não era attribuição sua o desembaraçar-se d'aquelle adversario, por mais criminoso que fosse; oppunham-se terminantemente a isso as obrigações do seu cargo. O seu dever era levar-o á sede do governo, vivo, com as mãos atadas ás costas.

Não teve contudo o heroismo de esperar o segundo tiro, que Yegor lhe destinava, e escondeu-se entre os arbustos no momento em que se escutou uma segunda detonação. Deitado no chão, Yermac principiou a arrastar-se com as mãos e com os joelhos, por entre os cedros, pondo-se, d'este modo, ao abrigo de novo ataque.

Yegor, tendo carregado outra vez a espingarda, avançou cautelosamente, com o dedo no gatilho, do lado em que o chefe de policia tinha desaparecido. Temia uma cilada, uma surpresa, uma provocação repentina: não encontrou ninguém no logar, em que podia suppor que Yermac estivesse embuscado. Procurando por todos os pontos mais proximos, acabou por perder a noção exacta das posições que occupavam um e outro, quando tinha agredido o excessivamente zeloso agente da auctoridade.

Achou-se finalmente no caminho, que seguia ao longe a sua companheira. Tinha o rosto pallido, os olhos desviados, mantendo-se com difficuldade nas pernas.

— Matei-o talvez, murmurava elle, ou feri-o — o que é o mesmo n'este lugar, sem o menor socorro! Assim o quiz!

Yegor apressou o passo para encontrar Nadege. Ouvia o tropel dos cavallos quando andavam por cima de pedras. Dez minutos depois, Nadege viu-o chegar só, com as feições decompostas. Teve um desmaio e escorregou do selim. Yegor recebeu-a nos braços.

— Ah! Yegor, que fizeste! murmurou ella, quando abriu os olhos.

— Foi por ti, respondeu elle. Por ti e por teu

irmão, duas existencias! Se se tratasse apenas de mim, talvez tivesse hesitado. — juro-o!

— Que faremos agora? perguntou Nadege depois de um silencio doloroso para ambos.

— Tornar a montar, disse Yegor. E ajudou-a a subir para o cavallo.

Tirou depois do cinto de coiro duas perdizes e uma gaivota, atadas pelos pés, e chamando o guia que ia na frente:

— Ah! tens carne fresca! Agora, toca a andar.

— Mas aquelle cavallo? disse o yakute apontando para o cavallo em que viera o chefe de policia.

— Aquelle cavallo? Solta-o, elle não foge e o dono não tarda ahi. — Vamos, toca a andar.

E puzeram-se a caminho. O yakute recomeçou a cantilena interrompida, e o cavallo de Yermac, abandonado no atalho, começou a rincar.

— Pobre animal! não ponde deixar de dizer Yegor.

— Pobre homem, e desgraçado Yegor! accrescentou a companheira.

VII

— Onde fica a estação de mudas mais proxima? perguntou Yegor ao guia.

— No Miuré, respondeu este. Mas antes de chegarmos lá, havemos de encontrar uma yurte para a noite.

— Bem! disse Yegor.

O caminho tornava-se cada vez mais tortuoso. Os viajantes viam-se obrigados a contornar uma infinidade de lagos em miniatura. Yegor de tempos a tempos punha o ouvido á escuta para ter a certeza de que o chefe de policia os não seguia. Nadege, (que o suppunha morto, não tinha o mesmo receio; mas o terrivel incidente da sua fuga fazia-a entrever mil perigos por toda a parte.

— Ainda estamos muito longe de Aldanska? perguntava ella de hora a hora.

— Coragem, minha querida amiga, coragem! Diz o guia que amanhã veremos o Aldan.

Os fugitivos passaram a noite na yurte indicada pelo yakute; em quanto dormiam embrulhados nas suas capas de viagem, o guia alimentava o fogo, que tinham accendido no meio d'aquelle arremedo de habitação de nomades.

No dia seguinte, depois de andarem algumas horas chegaram ao Miuré. É uma bahia de algumas leguas quadradas, um antigo lago, hoje secco, com optimas pastagens, e em que ainda se encontram muitos pequenos tanques com peixes. A aldeia é formada de muitas yurtes, dominadas pelas torres de duas egrejas. Notava-se alli uma animação, que contrastava com o silencio das solidões percorridas pelos fugitivos; nas ruas da aldeia circulavam grandes manadas de cavallos, a que chamam «tabunas»; os habitantes cuidavam do gado e negociavam em pelles. No Miuré é que havia mudas.

Os fugitivos encontraram cavallos frescos e um novo guia. Prepararam-lhes um caldo de peixe, leite, gordura, farinha, e casca de pinheiro ralada, e depois de prestarem homenagem a este alimento perfeitamente local, puzeram-se de novo a caminho; Yegor tinha pressa de chegar a Aldanska; só abí, vendo o parisiense e o irmão de Nadege, recuperaria um pouco da tranquillidade e confiança tão necessarias, que já principiavam a abandonal-o.

Os caminhos eram maus; havia necessidade muitas vezes de evitar pantanos perigosos. Finalmente chegaram a Aldanska, e no limite da pequena cidade descobriram logo a carroça do sr. Lafleur. Ladislau estava de guarda a ella e correu cheio de jubilo mal os avistou.

— E o sr. Lafleur? perguntou Nadege ansiosa, depois de ter abraçado estreitamente Ladislau.

— Não ouves? respondeu o pequeno.

N'uma yurte proxima, os sons de uma rebecca punham em movimento e alegria meia duzia de rapazes e raparigas da localidade.

O sr. Lafleur appareceu logo á porta, continuando a tocar no seu instrumento. Entre dois compassos, deu um aperto de mão a Yegor e beijou com galanteria as extremidades dos dedos de Nadege n'um estylo Regencia puro.

A sociedade, de que elle fazia as delicias, não contava perdê-lo tão depressa.

— Somos seguidos, disse-lhe Yegor em voz baixa. Não ha um minuto a perder.

Os que estavam na yurte sahiram attrahidos pela presença dos viajantes. Nadege, vestida de amazona, causava grande espanto.

Yegor aproveitou a occasião para referir ao sr. Lafleur como se tinha visto na cruel necessidade de livrar-se do chefe da policia.

— Mas, accrescentou elle, o homem podia ser seguido de perto por alguns cossacos: desde que a sua fuga fosse descoberta, tinham tudo a temer.

— Tem razão, disse o parisiense. É preciso não perder tempo...

— Sr. Lafleur, observou Yegor, a sua dedicação não precisa de ser mais claramente demonstrada. Deixe-nos aqui, e succeda o que succeder creia que nunca me esquecerei...

— Nada, replicou o excellent sr. Lafleur, não os deixo senão quando forem atravessar os montes Verkho-Yansk. Além d'isso, aproveitarei o tempo enriquecendo o meu herbario, — o herbario da collecção destinada á minha cidade natal, Chateau-Thierry; eu lhe contarei.

Nadege associou-se ás considerações de Yegor, mas não conseguiu que o mestre de dansa modificasse a sua determinação.

Um instante depois, o sr. Lafleur apresentou a Yegor o yakute, com quem ajastara encontrar-se em Aldanska. Chamava-se Tekel. Devia acompanhar os fugitivos enquanto elles carecessem dos seus serviços. Era um homem de trinta annos, baixo, porem robusto e bem construido. A sua physionomia revelava ao mesmo tempo esportez e bondade.

Era elle que, depois dos fugitivos se terem internado na floresta de Ostrovoy, que principiava na garganta dos montes Verkho-Yansk, devia ir a pé até Zachiversk, pequena cidade situada na margem direita do Indiguirka, e a quatrocentos kilometros da floresta, para trazer de lá em tempo competente um trenó — uma «narta» — tirada por vigorosas rennas.

O sr. Lafleur quando chegou a Aldanska, tinha conseguido comprar um cavallo para Yegor e outro de menor marca para Nadege, e bem assim um cavallo para a carroça, que devia conduzir Tekel, e em que havia logar para Ladislau. Os cavallos de muda foram por conseguinte mandados para o seu destino, entregues ao cuidado do guia, que recebeu uma boa gratificação.

(Continua).

CORRESPONDENCIA

Nuxem-Setubal. — As suas poesias são bonitas, e, logo que podermos, publicaremos uma d'ellas. Mas sabe que são exactamente os versos bons os que mais assustam a redacção de um jornal. De versos maus escapa-se a gente com facilidade, mas de versos bons?... Deus do céu, em se abrindo a

tamanhos na mesma quadra. Não tirámos a limpo se era o senhor mesmo quem estava moribundo e agonisante no cemitério a fallar á Emilia em Lourenço Marques. As quadras que nos inspiraram essa duvida são as seguintes:

Ja a noite em mais de meio,
Quando no cemitério se ouvia,

depois da meia-noite por um moribundo e agonisante ainda por cima, que teve a pachorra de ir conversar em politica com a Emilia, depois de a apanhar morta e enterrada, compungiu-nos por tal forma que deliberámos não profanar a santidade d'esse duplo affecto á patria e á Emilia publicando tão sentidos versos!

Ficarão em segredo entre nós e a Emilia!



RUINAS DO CASTELLO DE LA ROCHE, NO LUXEMBURGO

torneira, chovem sobre um desgraçado milhares de versos a que não ha nada que se dizer. E n'um jornal da indole do nosso, versos com demasiada abundancia, enfastiam. Mas, logo que poder ser, apparecerão os seus.

Venier de Saint-Paul. — Bem traduzido, mas o assumpto está já muito conhecido. Não nos poderia traduzir coisa mais interessante?

A. — E muito respeitavel a saudade que tem de Emilia, e achamos muito justo que a exprima em versos de diferentes

A vos d'um agonisante moribundo
Que de momento a momento desia.

« Já nada me resta no mundo,
N'esta campá vou repousar!
Adous Portugal que vaes á vella,
Para exemplo — as terras d'alem mar.»

Esta fina allusão a Lourenço Marques feita n'um cemitério.

EXEQUENTE

Rogamos a todos os srs. assignantes, que mudarem de residencia, o obsequio de indicarem aos distribuidores as suas novas moradas.

A ADMINISTRAÇÃO

Lisboa — Typ. de Christovão Augusto Rodrigues
Rua do Norte, 113, 1.º